

ISRAEL E O HAMAS

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A guerra entre Israel e o Hamas na faixa de Gaza é mais um exemplo de que o ser humano não merece o atributo de "racional". Comemoramos a entrada do século 21 ao contrário. Enquanto vivemos um momento de conquistas, avanços científicos e novas esperanças com Barack Obama, retrocedemos ao primitivismo da solução de conflitos humanos pela força e não pelo diálogo.

A história de Gaza é marcada pela tragédia. Nasceu de fugitivos quando houve a partilha da Palestina em dois estados, judeu e árabe. Como muitos palestinos foram expulsos de suas terras, aportaram-se na cidade de maneira caótica e desordenada. Constituíram então os chamados campos de refugiados, administrados pela ONU. A cidade de Gaza, que lhe deu o nome, foi disputada pelo Egito e Israel, que celebraram acordo, criando uma faixa de território, tomando-a como referência.

Esteve sob comando egípcio em 1949 a 1967, mas em 1956-57 Israel a ocupou, durante a crise do Canal de Suez. Houve nova ocupação durante a chamada guerra dos seis dias, por Israel que nela iniciou um processo de colonização. Pelos acordos de Oslo, parte da Cisjordânia e a Faixa de Gaza foram devolvidas à Autoridade Nacional Palestina.

Duas intifadas e os atos terroristas do Hamas, inicialmente um movimento religioso que mais tarde optou pela luta armada, impediram o aprofundamento das negociações para a paz e a criação de um estado palestino. O processo chegou definitivamente ao fim quando o Hamas expulsou de Gaza o governo da Autoridade Nacional da Palestina, assumindo o poder.

A partir de 2006, quando venceu as eleições legislativas, o Hamas dirigiu a região sob forte oposição de Israel e do ocidente, que o consideravam um grupo terrorista. A partir deste momento, radicalizaram-se as posições em virtude dos ataques recíprocos do Hamas e de Israel, com danos maiores à população civil. Hoje, o que se vê é o epílogo trágico desta situação: uma guerra aberta entre os dois povos, inclusive com a invasão por terra realizada pelo exército israelense.

Não se sabe qual será o final desta luta. Só há uma certeza: o conflito jamais se resolverá em campo de batalha. Tudo que se fizer com as armas será um morticínio inútil e um derramamento desnecessário de sangue. Mas tem sido esta a regra do ser humano: primeiro matar para depois negociar a paz. Não se tem conhecimento do

caminho inverso: primeiro a negociação para que se evite a guerra. Tudo tem de começar pelo canhão e pela espada.

A atitude do Hamas em não reconhecer Israel, que existe por ato da ONU, e querer destruí-lo é infantil e absurda. Não tem meios militares para este objetivo. Israel afirma que revida porque tem direito de defesa. Não pode assistir passivo à agressão de seu povo e território. Mas por mais violência que empregue não silenciará os foguetes do Hamas, cujos ativistas atuam em forma de guerrilha, ressurge e ataca novamente, quando se presume derrotado.

A única alternativa seria o extermínio da população de Gaza. Mas esta medida seria um genocídio cruel que a opinião pública mundial não suportaria. Um povo inteiro não há de pagar pela insensatez de quem momentaneamente o governa.

Portanto, só resta o caminho da negociação. A retórica do Hamas de que Israel deve ser exterminado é uma insanidade. Por outro lado, o direito de defesa, que ninguém nega a qualquer pessoa ou país injustamente atacados, deve ser proporcional à agressão. Caso contrário, se transforma num ato de agressão autônomo. Sob o pretexto de se defender, ataca. É isto que Israel faz.

As esperanças se voltam para Barack Obama. Mas, na realidade, não tem ele muito espaço político de ação. O problema no Oriente Médio é crônico e duradouro. Já abriu feridas profundas em palestinos e judeus, para os quais sempre predominou a violência em vez do bom senso das soluções pacíficas.

É bem possível que vejamos um rio de sangue correr em Gaza. Mas isto já não assustará aos que vivem no planeta Terra. Sempre assistimos a esta cena na história da humanidade, que se diz habitada por seres possuidores de razão.